

Ulysses e "O Processo"

Osvaldo Peralva

09 OUT 1968

JORNAL DE BRÁSILIA

A manifestação de desagrado de dois ministros militares ante uma frase no discurso do deputado Ulysses Guimarães, ao promulgar a Constituição, teve como endereço mais o público interno do que o externo. E a intensidade dos pronunciamentos terá sido bem menor do que sua repercussão na imprensa, a julgar pelo fato de que um dos descontentes, almirante Henrique Saboya, e outro ministro militar, general Ivan de Souza Mendes, chefe do Serviço Nacional de Informações, compareceram no dia seguinte à casa do presidente da Constituinte, que festejava aniversário.

A irritação provocada pela afirmativa de que "a sociedade foi Rubens Paiva, não os facínoras que o mataram" não implica, de todo modo, solidariedade com os autores da prisão, tortura e morte do parlamentar.

Basta lembrar que o general Leônidas Pires Gonçalves e o almirante Henrique Saboya

tiveram papel ativo de destaque no movimento que fez abortar a conspirata continuísta de um grupo encastelado no Governo do presidente Figueiredo. Aliás, seria mais cômodo aceitar a versão fantasiosa de que, depois de preso, ao ser transportado para outro local, o deputado teria sido raptado, em meio a um tiroteio, por guerrilheiros urbanos, desaparecendo desde então. Os chefes militares preferem passar o recibo da culpabilidade das Forças Armadas no episódio, ao mesmo tempo em que invocam os termos da anistia, válidos para os dois lados.

No fundo, revela-se muito forte, aqui e ali, o *esprit de corps*. Apesar da anistia, doutor Ulysses Guimarães entendeu de seu dever citar o deputado Rubens Paiva e o senador Teotônio Vilela, um marcado pelo martírio, outro pela combatividade em defesa da volta ao Estado de Direito.

Da mesma forma, e apesar de todas as anistias os chefes militares continuam, todo ano, a invectivar os comunistas e seus aliados que pegaram em armas em 1935.

A verdade é que a tortura e morte nos quartéis é uma página sombria na história contemporânea de nossas Forças Armadas e que começou a ser virada quando o presidente Ernesto Geisel demitiu sumariamente o comandante do 2º Exército, em cujas dependências tinham sido torturados e mortos um jornalista e um operário.

Tudo isso mostra que ainda estamos na fase de transição de um período marcado pelo absurdo. Absurdo que começa, como em "O Processo", de Kafka, com o primeiro passo. O resto é, por assim dizer, um desdobramento lógico. Agora, fica para trás o passado. O futuro nos espera.